



PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Psicologia
Pós-Graduação em Terapia de Família e Casal

Infidelidade virtual nas redes sociais: efeitos sobre a conjugalidade

Aluno: Maria Christina da Costa Santos
Orientadora: Andrea Seixas Magalhães



Maria Christina da Costa Santos

**Infidelidade virtual nas redes sociais: efeitos sobre
a conjugalidade**

MONOGRAFIA

Monografia apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da PUC-RIO como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Psicoterapia de Família e Casal.

Orientadora: Professora Andrea Seixas Magalhães

Rio de Janeiro
Dezembro de 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Professora Andrea Seixas Magalhães, que me orientou de forma correta na execução deste trabalho e o seu carinho ao transmitir seus conhecimentos nas aulas realizadas durante o curso.

À minha amiga do curso, Roberta Simões, pela amizade e por dividir seu conhecimento e me incentivar.

À minha amiga Mafalda Muzine, pela troca e amizade.

Às minhas amigas de profissão: Maria Inês Ribeiro e Maria Olinda Pedra pelo apoio.

À Psicanalista Ruth Naidin por dividir seu conhecimento.

Santos, Maria Christina da Costa. **Infidelidade virtual nas redes sociais: efeitos sobre a conjugalidade.** Rio de Janeiro, 2016. 34 p. Monografia - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RESUMO

Na atualidade, a sociedade vem passando por mudanças tecnológicas, dentre elas a cibercultura, permitindo às pessoas trocarem mensagens através da internet. Estas mudanças alteraram o comportamento dos indivíduos, até mesmo nos relacionamentos conjugais, possibilitando a infidelidade do casal. Este estudo pretende explorar os efeitos do ciúme e da infidelidade nas redes sociais sobre a conjugalidade. Falar a respeito do ciúme e da infidelidade na conjugalidade é levar em consideração dimensões conscientes e inconscientes que estão na origem da constituição do sujeito. Nos relacionamentos conjugais ocorrem reatualização do Édipo de cada cônjuge, podendo ocorrer mudanças na constituição das subjetividades.

Palavras-Chave:

Redes sociais, ciúme, infidelidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. TECNOLOGIA, COMUNICAÇÃO E REDES SOCIAIS	6
2.1 OS AVANÇOS DA TECNOLOGIA DA COMUNICAÇÃO	6
2.2 ESTUDO DA COMUNICAÇÃO NA TERAPIA DE FAMÍLIA	7
2.3 REDE SOCIAL.....	8
3. CONJUGALIDADE	2
3.1 CONSTITUIÇÃO DA CONJUGALIDADE	12
3.2 CONJUGALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE	12
4. CIÚME E TRAIÇÃO VIRTUAL.....	15
4.1 CIÚME NA CONJUGALIDADE	15
4.2 TRAIÇÃO VIRTUAL	16
4.3 VINHETA CLÍNICA	17
4.4 DISCUSSÃO CLÍNICA	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22

1

Introdução

O século XX foi marcado por diversas transformações tecnológicas, dentre as quais destaca-se a tecnologia da comunicação cujo resultado foi a cibercultura, ou seja, um novo modo de as pessoas trocarem mensagens através da rede de computadores: a internet. Estas transformações modificaram o comportamento das pessoas e suas relações sociais (Castells, 1999), inclusive afetando os relacionamentos conjugais. O objetivo deste trabalho é estudar as ressonâncias das redes sociais na conjugalidade como elemento desencadeador de ciúme ou de uma possível traição conjugal, tomando como base as teorias psicanalíticas e as sistêmicas.

No segundo capítulo, abordaremos de que maneira o avanço da tecnologia da comunicação possibilitou o avanço das redes sociais. A partir de alguns conceitos da cibernética e da teoria dos sistemas houve a possibilidade de os teóricos da terapia de família perceberem que as pessoas estão interligadas em redes, começando pela família. Através das redes o sujeito tem o sentimento de pertencimento ao mundo. Isto toma grandes proporções na sociedade contemporânea, por meio das redes virtuais.

No terceiro capítulo, abordaremos a constituição da conjugalidade e sua organização na contemporaneidade. As relações conjugais têm passado por inúmeras transformações em sua organização, em decorrência do enaltecimento das necessidades individuais. Deste modo, o importante para os casais é estarem juntos pelo laço afetivo, enquanto for satisfatório para os dois e não mais um ideal romântico que dure para sempre.

No quarto capítulo, apresentaremos uma vinheta clínica, articulada com os temas: ciúme e a possibilidade de traição virtual. A relação conjugal na atualidade também tem sido marcada pelas redes sociais na internet, possibilitando que o indivíduo possa conhecer outras pessoas e com isso surgir um terceiro na relação. Encerraremos este trabalho com algumas considerações sobre conjugalidade e redes virtuais.

2. Tecnologia, comunicação e redes sociais

2.1 Os avanços da tecnologia da comunicação

Neste capítulo, a partir da literatura existente, iremos explorar de que forma o avanço da tecnologia da comunicação influenciou para o avanço das redes sociais. Na contemporaneidade, e especialmente no século XX, ocorreram significativas transformações na sociedade. Autores como Lévy (1993) e Castells (1999) acreditam que estas modificações foram asseguradas pelo avanço tecnológico da comunicação, contagiando o relacionamento das pessoas. A tecnologia é criação da sociedade, que a produz e a utiliza conforme seus interesses, propiciando novos comportamentos. Em *O futuro de uma ilusão* (1927) e o *Mal estar na civilização* (1930), Freud já refletia sobre as mudanças no psiquismo do sujeito em decorrência do progresso tecnológico.

Com a influência da tecnologia nas relações sociais, novos estudos surgiram sobre o comportamento humano. Na década de 1950, matemáticos, físicos e engenheiros destacaram a Cibernética, construída pelo alemão Norbert Wiener e a Teoria Geral dos Sistemas, construída pelo austríaco Ludwig Von Bertalanffy, comparando o funcionamento das máquinas ao comportamento humano.

A Cibernética se interessa pelo modo como as máquinas trabalham, visando o seu funcionamento e regulação. No centro do estudo da cibernética está o conceito de feedback ou retroalimentação (Nichols e Schwartz, 1998). No momento que o sistema produz um comportamento de acordo com o ambiente ocorre a autorregulação, sendo responsável pela permanência da homeostase, isto é, fazendo o sistema voltar ao equilíbrio (Machado, 2016). Os circuitos podem ser negativos ou positivos. O feedback negativo opera na direção de diminuir ou reduzir o desvio, reparando falhas da ordem, já o feedback positivo opera para ampliar o desvio, havendo uma circularidade no circuito de feedback. O feedback positivo ocasiona mudança no sistema, causando ruptura do sistema (Nichols e Schwartz, 1998). A cibernética foi dividida em primeira e segunda cibernética. A primeira cibernética busca a manutenção da mesma forma, decorrente da retroação negativa, o sistema retorna ao equilíbrio, já a segunda cibernética busca novas formas, decorrentes da retroação positiva, ocasionando a automudança.

A Teoria Geral dos Sistemas partiu da premissa de que havia um sistema, um aglomerado de elementos, no qual o sujeito não era visto somente em sua subjetividade mas como parte das relações sociais (Nichols e Schwartz, 1988). No centro do estudo da teoria dos sistemas está o conceito de sistema, que é um aglomerado de elementos em interação, ou seja, surge o conceito de bidirecionalidade, denominada ainda de circularidade. Os componentes são todo e partes, isto é, sistema e subsistemas. Os sistemas podem ser abertos ou fechados. Nos sistemas fechados, o percurso é estável e nos sistemas abertos o percurso é instável, portanto pode apresentar diversas respostas (Machado, 2016).

2.2 Estudo da comunicação na terapia de família

Os conceitos desenvolvidos pelas teorias da Cibernética também contribuíram para demonstrar que as dinâmicas familiares funcionam como sistemas que se autorregulam por mecanismos de feedback. Os circuitos podem ser positivos ou negativos. O feedback positivo ocorre quando há alteração no comportamento; feedback negativo ocorre quando há busca da homeostase com o objetivo de diminuir a extensão do desvio. Alguns pensadores, como Jackson (1968) e Minuchin (1974), utilizaram os circuitos de feedback para pensarem a respeito dos padrões de comunicação familiar (Nichols e Schwartz, 1998).

A Teoria dos Sistemas colaborou para pensar as famílias em uma rede de relacionamentos e não somente o indivíduo, percebendo os padrões de comportamento do sujeito na família. Como visto anteriormente, os sistemas podem ser abertos ou fechados. Os terapeutas de família adotaram o conceito de caixa-preta das telecomunicações, aplicando às pessoas o mesmo princípio da máquina, não valorizando a parte interna, isto é, a mente e as emoções concentrando a sua análise nos padrões de comunicação, no comportamento e nas relações familiares (Nichols e Schwartz, 1998).

O ser humano está o tempo todo se comunicando com o outro, portanto, todo comportamento tem valor de mensagem. Antes mesmo da psicologia se interessar pelo estudo da comunicação, os engenheiros da computação perceberam que toda comunicação possuía registros correlacionados, nos níveis do conteúdo e da relação. Todos os computadores necessitam de informações para gerar uma instrução e qualquer erro impossibilita o resultado. Assim ocorre com a

comunicação humana, o sujeito transmite a mensagem e espera o entendimento dela por parte do outro (Watzlawick, Beavin e Jackson, 1967).

G. Bateson (1956), no início da década de 30, estudou a comunicação humana, desenvolvendo a teoria do duplo vínculo que consistiu em estudar como os pacientes esquizofrênicos e suas famílias se comunicavam (Osório, 2007). Com o referido estudo, os terapeutas compreenderam a importância da correlação existente entre os padrões de comunicação e o sintoma. A função do sintoma é manter o equilíbrio da família, funcionando como mensagem de que há problemas na família.

A teoria da comunicação abrange: a sintaxe, a semântica e a pragmática. A sintaxe é a transmissão da informação, a semântica o significado dos símbolos e a pragmática refere-se aos efeitos do comportamento. A comunicação compromete as relações (Watzlawick, Beavin e Jackson, 1967). Watzlawick, Beavin e Jackson (1967) apresentaram 5 axiomas da comunicação. O primeiro axioma refere-se à impossibilidade de não comunicar, todo comportamento tem valor de mensagem, sendo inaceitável não haver comunicação, mesmo na inexistência da fala; o segundo axioma ressalta que toda comunicação possui dois níveis interdependentes: o conteúdo e a relação; o tipo de relação irá definir a compreensão em relação ao conteúdo falado. O terceiro axioma compreende a pontuação da sequência de eventos; a pontuação serve para cortar a comunicação no momento que importa, organizando a comunicação entre os sujeitos e os comunicantes. O quarto axioma afirma que toda comunicação ocorre de forma digital e analógica, o modo digital refere-se à comunicação verbal, ou seja, a postura e ao tom da voz; a comunicação analógica refere-se à comunicação não verbal, ou seja, a expressão facial e outras expressões não verbais, sendo essencial nas relações. O quinto axioma refere-se à interação simétrica e complementar, toda comunicação pode ser simétrica ou complementar; a interação simétrica define-se pela igualdade, e a complementar pela diferença. Estes padrões são estabelecidos de acordo com o social, para que uma comunicação se torne saudável é preciso haver dois tipos: simétrico e complementar.

2.3 Rede social

Tanto a terapia de família quanto os modelos de terapias de redes foram influenciados pela Cibernética. A terapia de rede se desenvolveu nos anos 50, a

partir da psiquiatria comunitária, visando principalmente os vínculos do sujeito com a família, mas também extendendo a sua análise a outros membros do seu convívio (Sluzki, 1997).

Porém, é fundamental, em primeiro lugar, situar cronologicamente o termo rede: este termo surgiu inicialmente na sociologia e na antropologia, nas décadas de 30 e 40. Nesta época, os estudiosos não viram analogia entre as redes e o comportamento humano. Apenas na década de 50, como apontamos anteriormente, é que se pensou em redes de maneira sistêmica, isto é, não somente na individualidade, mas também referindo-se às redes sociais (Sluzki, 1997).

Encontramos vários pensadores na literatura que contribuíram para a fundamentação do conceito de rede, dentre eles mencionaremos apenas alguns: para Jacob L. Moreno (1951 apud Sluzki, 1997, p. 40) concebeu o sociograma, traçando um mapa da rede de relações do indivíduo na sociedade; Kurt Lewin (1952 apud Sluzki, 1997, p. 39) criou a teoria de campo, abrangendo as variantes nas relações sociais; John Barnes (1954-1972 apud Sluzki, 1997, p. 40) apontou a importância dos laços para além dos da família.

Elisabeth Both (1957 apud Sluzki, 1997, p. 40) expandiu métodos para avaliar a interação informal da rede familiar ampla, sob diversos aspectos – arranjo da rede, longitude geográfica, a forma das relações. Eric Lindemann (1979 apud Sluzki, 1997, p. 40), autor da teoria de crise, destacou a importância da rede social pessoal nos momentos de crise. Ross Speck e Carolyn Attneave (1973 apud Sluzki, 1997, p. 40) e Uri Rueveni (1979 apud Sluzki, 1997, p. 40) empregaram esta idéia a família juntamente com a rede informal no caso de paciente em crise. Minuchin (1990) também descreve a família como um sistema aberto, constituída por padrões de relacionamento que vão além do indivíduo, promovendo relações em redes, seja pela vizinhança, instituições, comunidades.

Pode-se pensar que o sujeito vive interligado em redes, interagindo com o outro. A primeira rede em que o sujeito está inserido é a familiar; este vínculo é indissolúvel, dá estabilidade e pertencimento ao sujeito no mundo e quando se perde um vínculo surge a sensação de vazio da identidade. A rede social é um sistema agrupado por pessoas conectadas umas com as outras (Lewis 1987 apud Braz; Dessen, 2000, p. 221), sendo extremamente importante para a saúde emocional. É na interação que a identidade é construída e, mais do que isso, é onde se dá o lugar de pertencimento a um grupo, ou seja, é a rede que nos insere

no meio social. Por mais frágil que possa ser uma rede, nenhum indivíduo existe sem ela (Sluzki, 1997).

Todas as pessoas têm uma rede social, constituída pelo conjunto de relações percebidas pelo sujeito como significativas, das quais fazem parte as relações familiares, de amizade, profissionais, escolares ou comunitárias, sendo estas de natureza distinta da sociedade em geral (Sluzki, 1997). As redes são estruturadas segundo tamanho, densidade, composição, dispersão, homogeneidade/ heterogeneidade e tipos de funções. As redes variam de acordo com o número de integrantes, podendo ser pequenas, médias ou grandes e pela proximidade das pessoas quanto à afetividade e a distância longitudinal. Contudo, com a internet, a distância tem se tornado cada vez menor (Sluzki, 1997).

As redes também possuem funções, tais como: companhia social, apoio emocional, conselhos, regulação social, ajuda material e de serviços, acesso a novos contatos. Companhia social é a concretização de atividades em conjunto; apoio emocional é quando há trocas íntimas, nas quais pode-se dispor do outro; conselhos, referem-se à opinião da pessoa sobre determinado assunto; a regulação social ratifica posições de papéis; a ajuda material e de serviços é o suporte na aquisição de materiais; o acesso a novos contatos, novas pessoas passam a fazer parte de determinada rede (Sluzki, 1997).

Pode-se dizer que os vínculos podem ser avaliados quanto às suas características, isto é, função predominante, multidimensionalidade, reciprocidade, intensidade, frequência dos contatos e história. Então, concluímos que uma rede pessoal constante é promotora de saúde, na medida em que uma pessoa é importante para outra e contribui para dar sentido a vida (Sluzki, 1997).

Como visto anteriormente, a primeira rede em que o indivíduo está inserido é a da família, a qual inicia-se pelo casamento, havendo uma união entre as redes individuais de cada um dos membros do casal. Esta união das redes pode ser observada pelo equilíbrio/ desequilíbrio, integração/ separação e continuidade/ descontinuidade temporal. Equilíbrio/ desequilíbrio é a tendência a somar redes anteriores a do casal, ou seja, amigo de um dos indivíduos torna-se amigo do outro, ou deixar de fazer parte de uma rede por ciúmes; integração/ separação, o casal faz parte da mesma rede, não possuindo uma rede somente do sujeito, ou possui redes individualizadas demais, excluindo o parceiro; continuidade/

descontinuidade temporal é a tendência a agregar rituais familiares da família de origem, ou eliminar certos comportamentos (Sluzki, 1997).

Sluzki (1997) também comenta que o casal inclina-se a procurar novas redes, de acordo com o momento de vida. Quando ocorre crise do casal, os integrantes da rede tendem a apoiar um dos indivíduos do casal. Em caso de separação pode ocorrer de os outros casais se afastarem, já que, uma vez solteiros novamente, eles terão que buscar uma nova rede, cujos interesses dos indivíduos sejam os mesmos deles. Bott (1957), também analisou como os papéis conjugais se conectam às redes sociais, através do entrelaçamento da rede individual de cada cônjuge, formando redes em comum.

A presente reflexão nos leva a questionar de que forma as redes sociais são constituídas, ampliando esse discurso para as redes existentes nos espaços virtuais. Nicolaci-da-Costa (1998) e Lévy (1999) chamam de espaço virtual ou ciberespaço, o lugar no qual as pessoas experimentam um novo ambiente de intercâmbios. Nicolaci-da-Costa (1988) ressalta que o virtual implantou um novo modo de relacionamento, no qual as pessoas não se conhecem pessoalmente e criam laços de amizade, possibilitando se aproximarem a partir de interesses em comum, como ocorre nas redes sociais presenciais.

Segundo Recuero (2009), as redes sociais online são compostas por atores sociais, que são as diferentes representações dos indivíduos. As pessoas se mantêm conectadas umas com as outras mesmo não havendo uma interação, diferentemente do que ocorre offline, muitas vezes negligenciando as relações presenciais. De acordo com que foi descrito até aqui, pode-se pensar sobre como a tecnologia da comunicação vem influenciando as relações, amizades e os casamentos, alterando a forma dos relacionamentos.

3

Conjugalidade

3.1 Constituição da conjugalidade

A partir da modernidade, a conjugalidade passou a se constituir com base no encontro amoroso, valorizando a troca de afeto e a busca do complemento (Magalhães, 2003). Este encontro amoroso se dá por conflitos inconscientes e pela atualização do Édipo dos sujeitos, esta união não remete somente à repetição mas à mudança na constituição das subjetividades (Eiguer, 1989).

As trocas intersubjetivas são regidas pelo mecanismo de colusão – constructo amplamente utilizado pelos autores psicanalistas que abordam a psicodinâmica do casal – caracterizado como um acordo de reciprocidade inconsciente complementar, por intermédio do qual os parceiros desenvolvem partes de si conforme as necessidades do outro e renunciam ao desenvolvimento de algumas partes suas que projetam no outro” (Magalhães, 2003, p.226).

Na conjugalidade ocorrem períodos de fusionalidade e de separação entre os cônjuges. O “eu” surge de um “nós” primitivo, ilusão de fusão, permitindo o sujeito atualizar na conjugalidade os conflitos edípicos. Segundo Lemaire (2005), algumas pessoas procuram manter a fusionalidade do período arcaico infantil nos relacionamentos conjugais não podendo fazer um trabalho de luto diante de uma separação. Contudo, a conjugalidade deve ser entendida também como um espaço de elaboração através do processo de identificação com o parceiro, viabilizando novas subjetividades (Magalhães, 2003).

A conjugalidade abrange o intrapsíquico e o interpessoal, o ego apreende o mundo externo a partir das experiências, precisando do objeto externo para projetar as coisas ruins e introjetar as boas. O parceiro (a) entra no lugar de objeto, no qual recebe identificações projetivas.

3.2 Conjugalidade na contemporaneidade

Da Antiguidade à Idade Média a escolha do cônjuge era realizada pelas famílias e visto como um contrato entre elas, com o intuito de manter seus patrimônios, sendo que o casamento deveria durar para sempre (Féres-Carneiro, 1987). Os pais, ao casarem suas filhas, encaravam como uma alternativa para não mais sustentá-las. Já estas encontravam no casamento uma alternativa para escapar da repressão de seus pais (Alves, 2000), mas acabavam vivendo em uma

relação de subserviência ao marido, sendo seu papel cuidar da casa e dos filhos (Diniz, Féres-Carneiro, 2005).

Com a modernidade, propagaram-se os ideais de amor romântico e com isso o vínculo conjugal passou a se constituir pelo afeto. Segundo Giddens (1992), no amor romântico o outro é idealizado completando um vazio. Freud (1921) aponta que a falta possibilita o vínculo e o encontro com o parceiro. Giddens (1993) comenta que, com os ideais românticos, o amor tornou-se requisito para o casamento, contudo, na prática, esta idéia levou tempo para se consolidar.

A partir das mudanças no século XX, com o surgimento do anticoncepcional, divórcio, mercado de trabalho, a inserção da mulher no trabalho, começou-se a pensar sobre uma nova organização do casamento, o que ocasionou mudanças no relacionamento, no qual homens e mulheres passaram a ser iguais (Dias, 2000). Segundo Singly (1993 apud Dias, 2000, p.18) e Vaitsman (1995 apud Dias, 2000, p. 25), os sujeitos neste século passaram a ter um maior envolvimento com a família nuclear.

Hoje em dia, o laço conjugal se estabelece pela satisfação dos cônjuges e não mais pelo ideal romântico de uma relação que dure para sempre. Jablonski (1991 apud Dias, 2000, p. 39) aponta que a sociedade atual valoriza um amor-paixão, mas com o tempo o amor deixa de ser amor-paixão e se transforma em amor-companheiro, sendo esse um dos motivos de desentendimento e separação dos casais. A paixão difere do amor, por ser um sentimento intenso e passageiro. O ideal é que os cônjuges equilibrem amor e paixão no relacionamento, senão a união pode transformar-se em amizade. Esta busca pelo prazer na contemporaneidade tem levado o indivíduo a romper a relação quando o vínculo deixa de proporcionar satisfação individual (Dias, 2000). Conforme Freud (1921), toda relação é constituída na ambivalência, ou seja, possui os dois sentimentos: amor e ódio. De acordo com Goldenberg (2010), o desejo sexual diminui nas relações consolidadas, com isso, um dos parceiros, ou ambos, podem, ou não, procurar um novo relacionamento.

Conforme Bauman (2004), o indivíduo está dividido em desejo e amor, vivemos em uma sociedade de consumo, na qual as relações também se tornaram produtos, sendo desfeitas a partir do momento que não ocorre mais satisfação. Goldenberg (2010) comenta que o corpo se transformou em fonte de consumo. Assim sendo, a satisfação sexual tornou-se fundamental no relacionamento

conjugal, o casal permanece junto o tempo que for satisfatório para ambos e a conservação está ligada à satisfação individual.

Ao mesmo tempo em que o casal busca viver projetos idealizados por ambos, cada cônjuge também possui sua individualidade (Dias, 2000). Heilborn (2004) também comenta em seu livro *Dois é par* sobre o efeito da procura cada vez maior por interesses independentes, em que cada cônjuge tenta encontrar tempo para realizar as suas atividades individuais e interagir com as suas redes. O novo casal da contemporaneidade, busca uma maleabilidade na relação (Féres-Carneiro, 2001). Em algumas situações, podem surgir desentendimentos entre os cônjuges, tendo o casal que administrar suas vontades individuais e as compartilhadas (Dias, 2000). Conforme Kaufmann (1995 apud Dias, 2000, p. 14), o casal se constitui gradativamente. Na primeira fase de integração, constrói ideais em comum, valorizando menos as individualidades.

A relação conjugal, na contemporaneidade, também tem sido influenciada pelo uso da internet e tanto a comunicação quanto as redes passaram a existir também no mundo virtual. A internet viabiliza, através das conexões, que o sujeito possa conhecer outras pessoas, podendo aumentar interferência de outras pessoas nas relações conjugais e até mesmo surgir amantes virtuais. Tisseron (2008 apud Mattos, 2015, p. 13), Turkle (2011 apud Mattos, 2015, p. 86) e Bauman (2012) apontam que o indivíduo se sente atraído pelas redes, ausentando-se do parceiro que está ao seu lado, isto é objeto de queixa frequente. Outros motivos para os desentendimentos conjugais são as curtidas e comentários em fotos, para além de abrir a possibilidade para a procura de informação a respeito do outro (Mattos, 2015). Spink (2011) aponta que as redes sociais podem ser usadas pelo cônjuge como uma estratégia para controlar o outro.

Baudrillard (1997) afirma que a internet cria uma falsa realidade na qual cada um pode criar um “personagem”.

4

Ciúme e traição virtual

4.1 Ciúme na conjugalidade

Neste capítulo, abordaremos o ciúme e traição virtual na conjugalidade e suas conseqüências. Na contemporaneidade, o ciúme encontra-se bastante presente nos relacionamentos conjugais, visto por muitos como manifestação de afeto, cuidado e também como sinônimo de amor. Contudo, este sentimento pode provocar o desentendimento entre o casal e até mesmo a ruptura da relação (Almeida; Rodrigues; Silva, 2008). Diante disso, buscaremos compreender através da teoria psicanalítica, os motivos inconscientes que levam o sujeito a se sentir inseguro diante de seu objeto de amor.

Freud (1922) classifica o ciúme da seguinte forma: normal ou competitivo, projetado e delirante. No ciúme normal

“É fácil perceber que essencialmente se compõe de pesar, do sofrimento causado pelo pensamento de perder o objeto amado, e da ferida narcísica, na medida em que esta é distinguível da outra ferida; ademais, também de sentimentos de inimizade contra o rival bem-sucedido, e de maior ou menor quantidade de autocritica que procura responsabilizar por sua perda o próprio ego do sujeito” (FREUD, 1922, p. 237).

Este tipo de ciúme encontra-se recalcado no inconsciente por ser uma das primeiras demonstrações da vida emocional da criança e tem sua origem no complexo de Édipo e no complexo fraterno. No complexo fraterno, a criança rivaliza com o irmão ao vê-lo no seio da mãe, temendo perder o objeto amado. Para Freud (1925), a angústia de castração se desenvolve no menino como ameaça e na menina na forma de ciúme e inveja, a angústia de castração é mais excessiva nas mulheres e nos homens aparece como medo de ser igualado a um rival.

Posteriormente, Freud (1922) menciona um segundo tipo de ciúme que seria o projetado, o sujeito projeta no outro seus próprios impulsos recalcados relativos à sua infidelidade. Ou seja,

"Qualquer pessoa que negue essas tentações em si própria sentirá, não obstante, sua pressão tão fortemente que ficará contente em utilizar um mecanismo inconsciente para mitigar sua situação. Pode obter esse alívio – e, na verdade, a absolvição de sua consciência – se projetar seus próprios impulsos à infidelidade no companheiro a quem deve fidelidade" (FREUD, 1922, p. 238).

O ciúme se instaura na dúvida e na fantasia de uma possível traição, se a traição ocorrer de fato, o sujeito deixará de sentir ciúme para viver outro sentimento. As pessoas, de modo geral, atribuem o ciúme a autoestima. Freud (1914) esclarece que quando o sujeito se sente amado ocorre um aumento da autoestima, ao passo que ao amar acontece uma diminuição da autoestima. O sujeito idealiza o objeto amado como um complemento de si próprio, procurando nele o que falta em si.

Por fim, Freud (1922) menciona um terceiro tipo: o delirante. Nesses casos, o ciumento também projeta no outro seus próprios impulsos recalcados relativos à sua infidelidade, mas com uma diferença, teria a homossexualidade negada, ou seja, “Eu não o amo; é ela que o ama!” (p. 239). Neste tipo de ciúme, estão todas as outras formas, nunca somente a terceira.

4.2 Traição virtual

Algumas pessoas utilizam as redes sociais como uma necessidade de conhecer pessoas, vigiar o parceiro (a), outras para passar o tempo, ou seja, cada indivíduo utilizará a internet de forma subjetiva. O acesso às redes sociais viabilizaram que o outro possa ser vigiado pelo (a) parceiro (a). Os indivíduos vigiam os perfis dos companheiros devido às facilidades oferecidas por esses aplicativos em localizar e conhecer novas pessoas, abrindo espaço para traição. No momento em que o sujeito coloca à disposição determinadas mensagens em seu perfil, ele seleciona o que o outro pode ter ou não acesso, sendo esta exposição muitas das vezes uma valorização do eu (SIBILIA, 2008).

“As pessoas são leitoras e autores ao mesmo tempo. As identidades são reveladas, e, mascaradas, fabricadas e roubadas. Este tipo de comunicação (virtual) é altamente performática. Anima emissores e receptores a usar as suas imaginações, navegando e interpretando a nuvem dinâmica de possibilidades que rodeia cada mensagem” (SCHECHNER, 2013, apud POLIVANOV; RODRIGUEZ, 2015, p. 174).

Alguns casais preferem partilhar o mesmo perfil ou as senhas um do outro. Este controle acontece no tipo de ciúme mais grave. A rede possibilita ao sujeito falar com várias pessoas ao mesmo tempo, conhecidas ou não, buscando muitas vezes um relacionamento extraconjugal (Guimarães, 2002), no qual o parceiro (a) é idealizado (a) de acordo com seus desejos. Nas redes sociais, o que importa são as fantasias amorosas e sexuais, provocando a ilusão de uma maior intimidade. Uma das características do amor é o casal construir uma intimidade,

sendo que alguns indivíduos evitam, abrindo espaço para o surgimento de um terceiro na relação. Freud (1922) associa a infidelidade a questões edipianas diante do ciúme frente aos pais e ao irmão.

Segundo Willy (2010), a traição consiste “na renúncia ao conforto das seguranças do cotidiano, aos “braços maternos” simbólicos, que reencontramos no parceiro e em outras pessoas importantes da nossa vida. “E é um ato necessário, a fim de que a psiquê, envolta na capa do passado, seja iniciada no mistério da vida e do amor” (p. 32). “O adultério é uma espécie de autorização que nos damos sozinhos, e que vai além do modo pelo qual os outros nos possam julgar” (p. 32).

4.3 Vinheta clínica

Demonstraremos, a partir de uma vinheta clínica a discussão a respeito do desentendimento do casal motivado por aplicativos da internet. Os nomes foram substituído por nomes fictícios com o intuito de preservar a identidade do casal (esposa Maria e marido João). O primeiro contato foi feito pela tia de João, dizendo que o casal precisava de atendimento porque ultimamente estavam brigando muito ela iria passar contato da terapeuta para o casal. O marido ligou pedindo atendimento para o casal e falando que sua filha também precisava, mas que era fundamental eles começarem primeiro. Perguntou se poderia ir sozinho ao atendimento, explicando que já vinha buscando uma terapia de casal há algum tempo. Expliquei que atenderia os dois conjuntamente para evitar alianças prejudiciais ao tratamento. Na primeira sessão, João chegou narrando que ele costuma adicionar no whatsapp mulheres que conhece nos sites de relacionamento, mas que nunca as conheceu pessoalmente e que elas enviavam fotos em trajes ousados e algumas até nuas. Maria interferiu falando que ele escondeu isto dela e que ela descobriu o fato mexendo no celular dele. Questionado sobre o motivo que o levava a fazer isso, João relatou ter curiosidades em saber como são as outras mulheres. Maria não se sente atraente por “não possuir seios e bumbum grandes.” Maria é uma mulher bonita, magra, tem cabelos pretos lisos e compridos. João disse que quer acabar com esse comportamento, mas não consegue. A dupla de terapeutas pergunta como é a relação sexual deles e Maria diz que mudou muito, não se sente mais à vontade, logo vem à cabeça a comparação com “estas mulheres.” Eles são casados há 20 anos. Perguntamos como era a relação sexual deles antes do whatsapp e de Maria

ter descoberto as mensagens de João. João contou que costumava colecionar revistas masculinas com mulheres nuas e que “gostava de ver.” Outro dia, comprou lingerie para a esposa, pois gosta de apreciá-la vestida, e quando ela está dormindo, fica por alguns minutos olhando para a esposa. Maria relata que já chegaram a estar separados por 2 meses, mas logo voltaram. Ao serem interrogados sobre a forma como se conheceram, relatam que foram apresentados por amigos em comum, quando ainda eram adolescentes. O namoro adolescente não durou muito tempo, mas, poucos anos após o término, voltaram a se reencontrar e Maria logo engravidou. Aos poucos, puderam escutar um do outro aquilo que os incomodava. João contou que às vezes a esposa cobrava muito carinho dele. Maria disse que realmente era um pouco autoritária e precisava mudar isso, já que não estava acostumava a dialogar e “saía logo gritando.” Ao explorar mais a história de cada um, incluindo as famílias de origem, percebe-se a diferença social e cultural entre os dois. Maria possui nível superior e vem de uma família com boas condições financeiras. Mas, segundo ela, não recebia muito carinho dos pais por eles estarem mais preocupados com suas carreiras. João veio de uma família humilde do nordeste, chegou a passar fome, mas sempre teve o carinho de sua mãe, apesar de não ter conhecido o pai. Maria contou que se encantou com a beleza dele e ele disse que a inteligência dela o encantou. Eles ficaram pouco tempo em psicoterapia conjugal, mas durante esse período puderam entender melhor as suas questões enquanto casal, bem como aquilo que os impedia de ser um casal saudável.

4.4 Discussão clínica

Quando João e Maria buscaram ajuda profissional encontravam-se no limite da separação conjugal. A crise do casal foi provocada pela possível traição de João, que gerou ciúmes em Maria. No início do processo psicoterápico, João mostrou interesse em estabelecer uma aliança perversa com a psicoterapeuta através de ligações telefônicas e pelo whatsapp, excluindo a esposa. Diante disso, a psicoterapeuta buscou trabalhar a transferência, pontuando que ele parecia estar querendo excluir a Maria o tempo todo, repetindo isso inclusive no espaço terapêutico.

Freud (1916), aponta que o paciente transfere suas imagos infantis para o analista. João ao repetir, com as psicoterapeutas, o mesmo comportamento que tem com a esposa, reatualiza os conflitos importantes relativos à fase edípica.

Segundo Eiguer (1989) a conjugalidade é fundada com base no que há de mais regressivo nos sujeitos, há um pacto inconsciente que apóia a ligação conjugal. “A relação estabelecida entre dois sujeitos possibilita a cada um negar ou reafirmar a imagem que o outro faz de si, minimizando determinados aspectos conflitivos ou pontecializando-os” (Lévy, 2013, p.29).

Durante os atendimentos, ao resgatar a história de sua infância, João disse que não conheceu o pai, que este tinha trocado a sua mãe por outra mulher logo que ele nasceu. João, ao buscar outras mulheres mostra que não só se identifica com a história de seu pai, como também a reproduz, sua história.

Com isso, provoca ciúmes em Maria. A esposa sente medo de perdê-lo, assim como um dia ele se sentiu em relação ao seu pai. A infidelidade representa uma defesa contra o medo de ser abandonado. O cônjuge enciumado, neste caso, Maria, é excluído, sua fantasia inconsciente é: o que eles fazem que eu não sei? Ela atua como uma criança pequena que espia o quarto dos pais. O ciúme se instaura na dúvida e na fantasia de uma possível traição. Foram feitas intervenções com o objetivo de levar o casal a entrar em contato com o sintoma e transformar a sua dinâmica relacional.

5

Considerações finais

Diante dos pensamentos apresentadas, verificamos que o crescimento da tecnologia da comunicação na sociedade tem causado modificações no comportamento humano, principalmente nos relacionamentos conjugais. Estas modificações têm proporcionado as pessoas se tornarem viciados nas redes sociais, na internet. O uso das redes sociais vem causando ciúmes no parceiro (a), sendo um tema bastante abordado nos meios de veiculação de mensagens.

Este estudo apontou que indivíduos que sentem ciúmes, se sentem excluídos, rementendo à perda do primeiro objeto de amor vivenciado no complexo de Édipo – incluindo sentimento de amor e hostilidade em relação aos pais. Por outro lado, tomando como base o complexo fraterno, e rivalidade com o irmão ao vê-lo no seio da mãe também desperta ciúmes. O ciumento não quer perder o objeto amoroso que em sua fantasia o completa (Freud, 1922).

A traição é uma consequência deste ciúme infantil, vivenciado na fase adulta nos relacionamentos amorosos. Segundo Magalhães (2003), a conjugalidade é uma reatualização do complexo de Édipo dos cônjuges e o pacto inconsciente conserva o vínculo conjugal. Com isso, para compreender a infidelidade é preciso explorar a relação do casal e as identificações projetivas que cada um projetou no parceiro (a), possibilitando o indivíduo elaborar e resignificar seu Édipo, sendo isso possível em uma terapia de casal.

De acordo com os apontamentos deste estudo tem aumentado o número de casais que buscam conhecer outras pessoas pela internet. O parceiro (a) traído comenta que a mentira e o desejo por outro (a) é o que os deixa mais triste e com medo de perder o companheiro, visto que, a infidelidade nas redes sociais é diferente da presencial. Conforme Bauman (2004), no relacionamento através da internet não existe compromisso pré-estabelecido. No ambiente virtual, as pessoas estão juntas sem serem vistas, além de favorecer fantasias em que os sujeitos podem assumir diversas identidades, e o outro se torna um objeto idealizado, onde não ocorre o desgaste do cotidiano.

Sobre a temática do ciúme e traição virtual nas redes sociais ainda tem pouco material publicado. Com isso, pretendemos dar continuidade ao estudo deste tema em futuros trabalhos. Muitas questões foram levantadas a respeito do

assunto: a internet possibilitou que houvesse mais traição, ou é só mais um meio como tantos outros no passado – como as cartas, por exemplo? As relações estão mais líquidas na atualidade, como menciona Bauman (2004)?

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, T.; RODRIGUES, B. R. K; SILVA, A. A. **O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos.** Estudos de Psicologia (UFRN), 2008.

Disponível

em <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n1/10.pdf> acesso: 30 de Outubro 2016.

BAUDRILLARD, J. **Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem.** Porto Alegre: Sulina, 1997.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BRAZ, M.P; DESSEN, M.A. **Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos.** Universidade de Brasília, 2000.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** Volume I. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet.** Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

DIAS, M. **A construção do casal contemporâneo.** Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2000.

EIGUER, A. **Um divã para a família.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal.** In: Féres-Carneiro, T. (ed.). Casamento e família: do social à clínica. Rio de Janeiro: Nau, p.p 67-80, 2001.

FREUD, S (1914). **Sobre o Narcisismo: uma introdução.** Obras Psicológicas Completas. Vol XIV. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

FREUD, S (1916). **Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos.** Obras Psicológicas Completas. Vol XIX. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

FREUD, S. (1921) **Psicologia de grupo e a análise do ego.** Obras Psicológicas Completas Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

FREUD, S (1922). **Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo.** Obras Psicológicas Completas. Vol XX. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

FREUD, S (1927). **O futuro de uma ilusão.** Obras Psicológicas Completas. Vol XXI. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

FREUD, S (1930). **O mal-estar na civilização.** Obras Psicológicas Completas. Vol XXI. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: Unesp, 1993.

GOLDENBERG, M. **Por que homens e mulheres traem? .** Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

HEILBORN, M. L. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

LÉVY, P. **O que é o virtual?.** São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **A resistência na clínica com casais.** In: Gomes, I.C & Levy, L. (org.). Atendimento psicanalítico de casal. São Paulo: Zagoni, pp. 29-42, 2013.

MAGALHÃES, A.S. **Transmutando a subjetividade na conjugalidade.** In: Féres-Carneiro, T. (org.). Casal e família: Arranjos e demandas contemporâneas. São Paulo: Editora Loyola, 2003.

MATTOS, C. M. C. O. **Extimidade virtual na conjugalidade: um estudo satriano sobre a nova perspectiva da intimidade.** Rio de Janeiro: PUC RIO, 2015.

MINUCHIN, S. **Famílias funcionamento e tratamento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

NICHOLS, M.P; SCHWARTZ, R.C. **Terapia familiar conceitos e métodos.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. **Na malha da rede: os impactos íntimos da internet.** Rio de Janeiro: Campus, 1998.

OSÓRIO, L. **A família como sistema.** In: Júlio M.F. (org.). Doença e família. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SCECHNER, R. **What is performance studies?** In: Polivanov B.B; Rodriguez D. O mais importante é que a outra pessoa possa te perceber mais forte: narrativas de superação em término de relacionamento enquanto performance de si no facebook. Curitiba: Ação Midiática, 2015.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SLUZKI, C. E. **A rede social na prática sistêmica.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

WATZLAWICK, BEAVIN E JACKSON (1967). **Pragmática da comunicação humana.** São Paulo: Cultrix, 2007.

WILLY, P. **Amores infiéis: psicologia da traição.** Rio de Janeiro: Rocco, 2010.